



IDENTIDADE EUROPEIA: QUEM SÃO OS EUROPEUS DE HOJE?

DISCURSO DO DEPUTADO AO PARLAMENTO EUROPEU, CARLOS COELHO

Por ocasião do Colóquio “Identidade(s), Integração e Laicidade na Europa”, que teve lugar nos dias 11 e 12 de maio de 2015, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.

RESUMO

Este discurso ensaia uma resposta à pergunta “Quem são os Europeus de hoje?”, apresentando algumas conclusões. O ponto de partida é o reconhecimento da diversidade e as assimetrias demográficas, económicas, sociais, religiosas. Nota também que a Identidade Europeia se faz mais por oposição do que por adesão e que, apesar da instituição da cidadania europeia, a identidade nacional permanece mais forte. No entanto, conclui-se que os Europeus partilham cada vez mais preferências comuns, receios comuns, escolhas comuns. E, por isso, apesar da percepção de que não o são, a realidade sugere que os europeus são cada vez mais europeus.

Palavras-chave: identidade europeia, cidadania europeia, religião na Europa.

ABSTRACT

European Identity: Who are the Europeans today? This speech attempts to answer the question “Who are the Europeans of today?” pointing at some conclusions. The starting point is the acknowledgement of the European demographic, economic, social and religious diversity, also recognizing that the European identity is conceived more by opposition to something rather than adherence. It is also pointed out that, despite the creation of European citizenship, national identities remain stronger. Nonetheless, it is concluded that Europeans share increasingly more their preferences, fears and choices and therefore, despite a contrary perception, Europeans are becoming more Europeans.

Keywords: European identity, European citizenship, religion in Europe.

Pergunta-se: "quem são os europeus de hoje?"

Sei bem que a Europa é mais do que a União Europeia. Mas para responder à pergunta, insisto, por facilidade, na identificação entre as duas realidades. Assim, a Europa de que falo é sobretudo a União Europeia.

Somos 500 milhões, com tendência a diminuir e a envelhecer.

A Comunidade começou com seis países (França, Alemanha, Itália, Bélgica, Luxemburgo e Países Baixos) e alargou-se sucessivamente a nove, dez, doze, quinze, vinte e cinco, vinte e sete e os atuais vinte e oito Estados membros.

Num debate em Estrasburgo no plenário do Parlamento Europeu, o primeiro-ministro italiano, Matteo Renzi, afirmou que, se a Europa quisesse fazer uma selfie, estaria a fotografar uma tia envelhecida. E há alguma verdade nesta caricatura. Os europeus são mais mulheres que homens e mais velhos que jovens. As faixas etárias mais elevadas representam a maior parte dos cidadãos europeus.

A evolução demográfica é agravada pela baixa taxa de natalidade, o que gera aliás uma perplexidade económica e social. É frequente assistirmos em alguns países a um grande crescimento da sua população mais jovem, com assinaladas dificuldades em encontrar respostas suficientes no mercado de trabalho. Na Europa, nem o facto de a população jovem diminuir faz com que o desemprego juvenil seja menos preocupante.

Temos um elevado nível de desemprego juvenil. Se o desemprego é sempre um drama social, uma alta taxa de desemprego jovem confronta-nos com problemas sérios relativos ao futuro da Europa. E esse desemprego não é só excessivo como é assimétrico. Há uma enorme diferença entre os 7% de jovens desempregados na Alemanha com os 50% na Grécia ou em Espanha.

Com 28 Estados membros, somos uma Europa maior, mais forte mas mais dividida e com mais disparidades.

Um exemplo são as línguas oficiais. Hoje, no Parlamento Europeu, temos vinte e quatro línguas de trabalho que correspondem às vinte e quatro línguas oficiais da União Europeia.

Não era por acaso que, quer Francisco Lucas Pires, quer Vasco Graça Moura (duas referências do pensamento e da cultura que infelizmente já não estão entre nós mas deixaram uma marca no Parlamento Europeu que prestigiou Portugal), falavam sempre nas culturas europeias sublinhando o plural.

E isto remete-nos para a questão da Identidade Europeia.

Relembro as palavras de Eduardo Lourenço que afirmou a «cosmopolita e indefinível identidade europeia».

É uma identidade que é mais evidente por contraposição, quando a confrontamos com identidades que lhe são externas. Sentimo-nos mais europeus quando estamos em África, na Ásia, nas Américas ou em qualquer outro canto do mundo. E somos reconhecidos como europeus por esses povos. Por vezes olham-nos com inveja, outros com ressentimentos e outros ainda, com malícia. Dizem-nos que temos "tiques" europeus ou "manias" europeias. Enfim... somos europeus.

Diria, portanto, que é claro que existem europeus fora da Europa, mas não estou tão certo que existam europeus na Europa. Porque, quando estamos na Europa, não nos definimos como europeus. Somos Portugueses, Franceses, Espanhóis, Alemães, etc.

Temos de reconhecer que, nesta nossa Europa comum, a identidade nacional é muito mais forte do que a identidade europeia.

É verdade que criámos juridicamente a Cidadania Europeia, mas ela não é verdadeiramente sentida e assumida pelos cidadãos europeus. Só 26% se consideram convictamente cidadãos europeus e 39% confessam-se "em grande medida" cidadãos europeus. Ou seja: apenas metade dos europeus se reconhecem cidadãos da Europa e um terço declaram de forma clara que não se sentem cidadãos da União. No podium dos menos europeus encontramos a Bulgária, a Itália, a Grécia, Chipre, o Reino Unido e a Hungria. Quer Portugal, quer a França encontram-se no meio da tabela. Por sinal, Portugal um pouco mais europeu do que a França...

E se podemos "medir" a concretização prática dessa cidadania europeia temos um bom aferidor: a taxa de participação nas eleições para o Parlamento Europeu. Ora, ela tem vindo a descer progressivamente e o ano passado teve o valor mais baixo de sempre: só 42% dos europeus foram às urnas e, em Portugal, esse valor foi de 33%.

Valorizamos porém conquistas da União Europeia.

Valorizamos a paz, a livre circulação de pessoas, bens, serviços e capitais, o Euro, o programa Erasmus e o Modelo Social Europeu.

Com todas as crises e dificuldades, o Modelo Social Europeu é a expressão do esforço que fazemos no apoio social. A União Europeia representa só 7% da população mundial, tem 22% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial e é responsável por 50% da despesa social de todo o mundo. Isso diz bem do nível de bem-estar na Europa, mas também dos desafios que coloca à nossa competitividade.

Somos uma Europa que encoraja e facilita a mobilidade e isso tem contribuído para nos conhecermos melhor e para o aumento da tolerância entre os europeus. Em vinte anos, o número de europeus a viverem e trabalharem noutra Estado membro que não aquele onde nasceram, triplicou. Eram cerca de 5 milhões em 1995 e são hoje mais de 13 milhões.

Três milhões de europeus já beneficiaram do programa Erasmus. Esta iniciativa, referida de forma excelente pelo Comissário Carlos Moedas na mensagem gravada que ouvimos no início deste debate, é um enorme sucesso. Hoje falamos na "geração Erasmus". Enquanto que no primeiro ano de existência do programa (1987/1988) foram apoiados pouco mais de 3 200 estudantes, em 2012/2013 foram 200 000 os estudantes apoiados e 55 000 os estágios concedidos. E aqui também há uma maioria de mulheres (60%).

Os europeus descobriram também novas estruturas familiares, que resultam de escolhas pessoais e da mudança de hábitos culturais, mas também do aumento do número de divórcios. Em Portugal, em 1960 havia um divórcio por cada 100 casamentos. Em 2012, eram 73 divórcios por cada 100 casamentos. Esta tendência, embora de uma forma menos gritante, repete-se um pouco por toda a Europa. Entre

1960 e 2012, a Bélgica passou de 7 para 67, a Holanda de 6 para 49 e a Dinamarca de 18 para 55.

Na religião já fomos mais homogéneos.

Hoje os europeus definem-se como: 48% Católicos; 12% Protestantes; 8% Ortodoxos; 4% outros cristãos; 2% Muçulmanos; 1% outras religiões (judeus, budistas, hindus, etc.); 7% Ateus; e 16% Agnósticos.

Muitos europeus acreditam em Deus, outros acreditam que existe um espírito superior, mas não se revêem numa figura divina e outros não acreditam de todo. O país menos crente é a França com 40% de ateus. O mais crente é Malta onde 94% acreditam em Deus. Em Portugal, 70% acreditam em Deus, 15% acreditam num espírito superior e 12% são ateus.

Os europeus defendem a liberdade religiosa mas também a liberdade de expressão.

Infelizmente e num passado recente, as notícias mais vistas são de clérigos que pregam o fundamentalismo: são imãs radicais que pregam o ódio e o jihadismo; são cristãos fundamentalistas que organizam queimas do Alcorão; são rabis que publicam doutrina a considerar que matar árabes não é pecado. Parece que vivemos um retrocesso civilizacional, que recuámos séculos e que está outra vez na moda essa coisa horrível que é matar em nome de Deus.

E há fenómenos europeus comuns.

Permitam-me citar cinco:

1 - A racionalidade na pertença

A despeito de haver opiniões diferentes sobre a natureza da Europa, todos os Estados parecem preferir estar dentro da União Europeia. Há uma noção de proteção. E que o interesse de cada um é melhor defendido dentro da União. Mesmo quando o discurso se radicaliza. Veja-se o que aconteceu na Grécia. As sondagens no dia da

eleição previam (e bem, porque acertaram) a vitória do Syriza. As mesmas sondagens revelaram que entre 70% a 80% do povo grego queria continuar no Euro. Esta racionalidade é, na minha opinião, um dos embaraços do atual governo grego que sabe que, se romper a corda, arrisca-se a perder grande parte da sua base eleitoral.

2 - A radicalização da vida política

Assistimos à proliferação (e ao sucesso eleitoral) de diversos partidos radicais, xenófobos, racistas e/ou eurofóbicos. O United Kingdom Independence Party (UKIP) no Reino Unido, só elegeu um deputado devido ao sistema maioritário mas é hoje o terceiro partido britânico, com mais de 12% dos votos. A Frente Nacional em França aparece nalgumas sondagens como o primeiro partido francês. Também o Aurora Dourada na Grécia, o Jobbik na Hungria, o Partido do Povo na Dinamarca, o Partido da Liberdade na Áustria, o Partido da Liberdade na Holanda, o Movimento Cinco Estrelas na Itália, são alguns (entre muitos outros) exemplos que alastram por essa Europa fora.

3 - A intolerância que coloca em causa os valores europeus

Esta intolerância regista-se relativamente a diversos fenómenos tais como:

- A imigração de países terceiros, que 57% dos europeus vê como uma realidade negativa e apenas 35% como positiva;
- O valor da Liberdade, muitas vezes secundarizado face a exigências securitárias;
- A proteção de dados, por vezes reduzida a privilégio dispensável;
- O valor da vida, quando responsáveis políticos europeus sugerem que não se devam salvar vidas no Mediterrâneo para não criar um "pull-factor".

4 - A pulverização dos parlamentos

Se é verdade que o sistema maioritário inglês escondeu as consequências dessa realidade no Reino Unido, olhemos para as sondagens na nossa vizinha Espanha e para a realidade comum na grande maioria dos Estados membros e até no Parlamento Europeu: verifica-se a erosão eleitoral dos partidos considerados do mainstream e o

surgimento de novos atores, tornando mais difíceis e complexas as soluções estáveis de governo.

5 - Interdependência das economias

Não é apenas evidente nos sistemas económico e financeiro, como gera consensos europeus relativamente a objetivos comuns:

- 73% dos europeus concordam com a necessidade de uma política energética comum;
- 71% com uma política comum de imigração;
- 61% com a aplicação de dinheiro público para estimular a economia;
- 58% com o tratado de livre comércio entre a União Europeia e os Estados Unidos da América;
- 51% com a re-industrialização da Europa.

Mas há também Receios Comuns:

- Nos últimos doze meses, opiniões pessimistas ultrapassaram as otimistas no que se refere à evolução da economia europeia;
- O impacto da crise económica no emprego divide os europeus: enquanto metade considera que já ultrapassámos o pior, outra metade receia que o pior esteja ainda para vir;
- O crescimento da imigração é visto como um receio, como atrás já referi.

Minhas senhoras e meus senhores,

Parece-me, assim, claro que, a despeito de não nos sentirmos europeus ou não conseguirmos definir o que isso é, somos cada vez mais europeus, parecidos nas escolhas, nas preferências e nos receios.

E há um espaço de ambiguidade entre o que já não somos e o que não sabemos se queremos ser, bem traduzido nas palavras de Eduardo Lourenço que lhe peço emprestadas para terminar a minha intervenção:

A Europa real é uma coleção de identidades que já não têm nem a capacidade de se viver plenamente como nações nem a força de querer e imaginar a futura Europa como uma nova espécie de nação

Muito obrigado.